



Conto especial publicado no blog "Das Coisas Que Vivi". Todos os direitos reservados.

Há seis tatuagens em sua vida. Uma simboliza a fase mais poética, o sentido mais provável da vida. A forma como enxergamos esse sentimento. Se para Virgílio “Omnia Vincit Amor”, para nós, também teria esse sentido?

Em um segundo momento, há uma junção que o conecta. É como se fosse um “&”, aquilo que liga, transcende e transborda.

Sem tantas aparições, ela preferiu reservá-las. Mas antes, precisava tatuar algo em braile algo que jamais pensou que tivesse: O tal falado amor.

Logo depois, achou uma tulipa e foi tatuá-la em seu braço. E em alguns anos, tatuou uma frase em que se orgulhava ter escrito: Estar, sentir e viver.

Adiante, resolveu tatuar a serendipidade (palavra que não tinha um equivalente em sua língua materna e recorreu ao aportuguesamento da mesma, para expressar o que em inglês (a origem da palavra) queria dizer: Quando coisas boas acontecem por acaso).

E conectou tudo isso, sem já não esconder mais, em pontos sob a pele, na constelação do seu signo zodiacal: Aquário.

Entre nuca, braços e pulsos, ela eternizou os sinalizantes e importantes momentos. Mas sabia que logo enjoaria e se perguntaria: Qual a próxima a se fazer?

Ela não saberia qual seria a próxima, mas sabia que existia um mundo novo a experimentar através de inesquecíveis recordações.

Adrenalina, noradrenalina, feniletamina, dopamina, oxitocina, serotonina e endorfina. Todas essas substâncias causavam uma só fórmula.

Existia muita química e profundos sentimentos. Mas, às vezes, para durar a fórmula era preciso mais ocitocina e vasopressina.

E como diria a Helen Fisher: Somos uma fábrica de drogas quando nos apaixonamos.

A cada passo que ela sentia os cheiros e aromas, ela se sentia em uma espécie de transe. Alguém teria que dar-lhe a visão, ela já estava tão cega a ponto de não conseguir enxergar o prédio mais alto da cidade.

Porque não havia necessidade de medidas, o subjetivo era maior que a razão.

E assim recordou-se da última vez que esteve assim. A adolescência.

\*

- Aposto de 150 mil reais para que você namore o Marlon.

-Eu namorar o Marlon? Você está louco!

- Minha querida, isso é um jogo. Não precisa se apaixonar... Olha, dentro de quatro meses você vai ficar distante dele. Só resta você aceitar. Com essa grana você pode comprar todas as coisas que quiser e inclusive pagar alguns estudos.

- Eu não sei se devo isso fazer. É muito confuso para mim.

-Não precisa se confundir, se quiser, eu posso marcar um jantar na próxima semana com vocês dois. Assim, vocês poderão se conhecer melhor.

\*

Alessandra sonhava com o mundo. Na sua bicicleta percorria diversos caminhos. Tinha um walkman velho, com apenas uma fita pirata. A fita pertencia a um compilado de gravações da rádio em que ela escutava todos os dias, a fim de pegar as suas canções favoritas. Ela não tinha tantas condições, mas a sua esperteza a salvava das limitações que aquela pobre vida proporcionava.

-Mãe, no rádio está tocando Sandy e Junior! Grava para mim... Por favor!

E sua mãe que se dedicava ao tricô na sala, iria rapidamente pegar a fita e fazer a perfeita gravação.

Naquele dia, Alessandra ainda iria à escola no período vespertino. A escola nem ficava tão distante, ela iria com a sua bicicleta de cor verde, que tinha uma cestinha e uma buzina na frente, além dela ter prendido uma lanterna para fazer um farol.

Estacionou sua “bike”, (a maneira mais descolada que falara na época uma referência à bicicleta) em frente à escola e se pôs apressada para chegar a tempo a sua sala de aula.

Ela chegou de mansinho com aquele seu vestido preto e branco e suas meias três quartos, com um tênis um pouco velho da *bical*, mas que ainda era a moda exclusiva.

Algumas garotas a reparavam achando ela a garota mais desengonçada do planeta e outros meninos tornavam-se os mesmos babacas de sempre.

Porém, ela só queria conversar com o garoto pela qual ainda permanecia uma amizade sincera: Marlon.

Ela escreveu numa folha a seguinte frase: Precisamos conversar!

E ao terminar, amassou o papel, formando uma pequena bola e arremessando em direção ao Marlon, mas a bola parece que criou asas e caiu em cima da Maria Paula, a garota mais esnobe daquele local.

Ela ao sentir o papel chegando até as suas costas e virando devagar, sentiu-se altamente irada e sem pensar duas vezes, correu em direção a jovem Alessandra e disse: Quem você pensa que é para me arremessar bolinhas de papel... Ah, se liga garota! Na hora do intervalo, você vai ver! Só não te soco a cara agora porque você é sempre protegida.

Marlon interrompeu e disse: Bom, Maria Paula... Acho que não é para tanto. Que tal você acalmar seus nervos. Pega esse chocolate sem açúcar e vai se sentar.

-Mas ela jogou o papel em mim... –Marlon direcionou com o dedo a cadeira e a Maria Paula obedeceu.

Maria Paula era prima de Marlon e ele sempre evitava as confusões pelas quais ela adorava se intrometer.

Após a aula, nada aconteceu entre Alessandra e Maria Paula, mas ela decidiu nunca mais jogar bolinhas de papel.

Na volta para casa Alessandra foi furtada. Roubaram sua bicicleta em frente à escola. Isso porque ela havia deixado no cadeado.

Chegando à diretoria, percebe que seu Augusto, pai de Marlon, estava aguardando por lá também. Ela sorriu e o cumprimentou com um *boa tarde* baixinho.

-Que bom que você está aqui, Alessandra! Eu estava exatamente te procurando.

-Mas o que o senhor quer comigo, porque eu não tenho absolutamente nada.

-É exatamente por isso que eu quero conversar com você.

-Então pode conversar...

-Bom, o Marlon me falou que você está querendo estudar no exterior. E que você não tem grana para isso, aproveitando essa questão, eu posso te fazer uma proposta.

-Que proposta?

- Uma aposta.

-Que tipo de aposta?

-Uma aposta para saber até onde pode ir o amor ou a amizade.

-Você sabe que até agora o Marlon não tem nenhuma namorada e você é a única garota, além da Maria Paula que ainda conversa com ele. Então eu proponho uma aposta.

Alessandra refletiu em seus olhos o que poderia acontecer a partir das palavras de seu Augusto.

- Aposta de 150 mil reais para que você namore o Marlon.

-Eu namorar o Marlon? Você está louco!

- Minha querida, isso é um jogo. Não precisa se apaixonar... Olha, dentro de quatro meses você vai ficar distante dele. Só resta você aceitar. Com essa grana você pode comprar todas as coisas que quiser e inclusive pagar alguns estudos.

- Eu não sei se devo isso fazer. É muito confuso para mim.

-Não precisa se confundir, se quiser, eu posso marcar um jantar na próxima semana com vocês dois. Assim, vocês poderão se conhecer melhor.

-Eu não sei se devo aceitar. É desonesto.

-É desonesto você com tanto potencial ficar aqui para sempre nessa cidade.

-Eu não sei se tenho potencial para viver em outro lugar.

-Tem sim. Primeiro eu te ofereço cento e cinquenta mil, durante o acordo, eu te ofereço um curso de inglês com tudo pago e assim, você vai estar pronta. Inclusive, te darei uma bicicleta nova.

-E o que fez com a minha bicicleta?

-Ora, ela agora está lá em frente ao colégio, mas ela também pode estar reformulada, basta você dizer *sim*.

Então, Alessandra relutou com as palavras em seu cérebro. Será que seria justo fazer isso com o seu amigo, por um sonho utópico para aquela pobre vida?

Ele disse: Você tem cinco minutos para refletir e responder. Pense bem em sua mãe e o emprego dela, pode não durar para sempre.

Antes que ele pudesse contar os minutos, com aquela ameaça disfarçada de esperança, Alessandra aceitou fingir que amara alguém.

E dessa vez, o seu primeiro amor poderia ser uma mentira disfarçada de verdade.

Com uma caneta azul da *bic*, Alessandra voltou toda a fita e colocou a música mais triste que tinha gravado nela. Deitou-se em posição fetal no tapete da sala que a sua mãe fez, com tanto amor pelo crochê e refletiu que aquele dia, era o primeiro dia que uma rotina pudesse a mudar tanto.

Ela se preparou para o jantar que teria com o seu postigo namorado.

Marlon foi buscá-la às seis e meia da tarde. Ela estava pronta. Usava uma jardineira preta e uma blusa com listras, enquanto ele usava um smoking.

Ela ficou confusa e disse: Onde será o jantar?

-Não se preocupe, será num restaurante do meu tio. Você está bem vestida.

\*

Após o jantar em que todos observaram o traje típico de Alessandra, ela achou que não seria convincente para ser namorada postiça.

Mas Marlon disse: Você foi ótima.

E ela, mesmo não querendo aceitar, somente agradeceu.

-Eu preciso te contar algo.

Marlon disse que ela poderia falar, mas como estavam em frente ao restaurante ainda, de repente, chegou o pai de Marlon e disse: Bom, vocês não deveriam estar em casa?

E Alessandra disse: Eu estarei indo agora. – e passou a caminhar a passos largos, enquanto Marlon disse: Espera, eu te levo.

Ela não aceitou a carona de Marlon e então decidiu ir a pé.

Ao chegar em casa, sua mãe dormia no sofá. Ela só pegou um cobertor para aquecê-la e desligou a TV e foi para o seu quarto.

\*

O tempo era algo muito necessário na vida de Alessandra. Cada passo que ela dava, estava sendo vigiada.

Todos os seus dias foram assim.

Até que no dia 27 de novembro de 1997, a vida trouxe uma notícia que poderia libertá-la, mas que prenderia.

Seu Antônio estava morto. Houve um assassinato.

Não havia mais apostas, curso de inglês, nem namoro postiço.

Marlon se pôs triste, mas decidiu então falar com Alessandra.

-O que você queria me falar naquele dia do restaurante?

-Eu iria te revelar que eu não era sua namorada de verdade. Seu pai fez uma ameaça para que eu pudesse me relacionar com você. Ele nunca aceitou o fato de você nunca ter namorado antes.

Marlon ficou parado.

Nada o deixava mais pensar.

E foi embora sem deixar mais nenhuma palavra.

\*

*“Quando um dia perguntares se viverás sem alguém, saiba que só o tempo poderá responder e não serão questões momentâneas. O que é inesquecível para amar, é uma história que se vive, é o tempo que não se apaga e o que não se deixa levar, por estar longe a se pensar. Por mais que se queira por perto, a distância nem é uma questão tão física. Ouvir a voz na morada do pensamento, é como uma tatuagem que jamais será apagada. No olhar se verão lembranças de erros e acertos, entre o procurar e o desencontro, as sensações táticas jamais serão dispersas. Não existe adeus. Principalmente se existe não só um céu, mas todo um universo. E se ainda não se tiver alguém, que está preso nos olhos e inesquecível em seu coração, é que às vezes a distância é necessária. Para que se torne inesquecível”.*

*-Alessandra, 25 de dezembro de 1997.*

Marlon continuou a ignorar Alessandra na escola e na vida. Ele a achava imperdoável por brincar com seus sentimentos.

Ela evitava cruzar o seu caminho.

Mas naquele natal, Marlon havia feito um amigo chamado Tom, que mais tarde se tornaria uma história de amor. E talvez, sem querer, o destino estivesse cruzando uma história que seria inesquecível para amar, mesmo depois de vinte anos.

\*

Alessandra agora, experimentando todas as sensações momentâneas de uma paixão, sentia-se viva. Mesmo depois de tantos anos, como poderia sentir tudo outra vez? Talvez, o sentimento fosse um fio que se emaranhasse, interligasse, mas jamais, seria partido. Parece que não some com o tempo, nem vai embora. Está preso em seus olhos, por isso, ainda lhe causa cegueira.

Ela decidiu desenhar um pássaro na sua mão, no dorso, perto ao polegar. Quiçá isso significasse tudo o que ela eternizaria daquela história.

E em outro lugar se localizava Marlon, que tatuou também muitas lembranças, até daquele dia 25 de Dezembro de 1997, em que finalmente pôde se libertar e fez uma tatuagem de uma gaiola com a porta aberta no dorso da mão. O verso da canção se encaixaria perfeitamente ao dizer:

*“(...) Dentro de mim faz moradia, vira tatuagem sob a pele(...)”.*